

18º CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho 11: Ensino de Sociologia

A FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS: OS DILEMAS ENTRE “SER” E “ESTAR” CIENTISTA SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE

Silvana Maria Bitencourt

Departamento de Sociologia e Ciência Política

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Introdução

Quando o assunto é profissão pode causar estranhamento, pais desejarem que seus filhos escolham ciências sociais, sendo mais comum a valorização por profissões de nível superior de prestígio, como medicina, direito e engenharia¹. Mesmo que essas profissões nos últimos anos tenham sofrido transformações no mercado de trabalho, o prestígio ainda é significativo (TORINI, 2012).

Também se pode perceber que além do prestígio social presente nestas profissões, o retorno financeiro parece mais garantido se compararmos com a formação em ciências sociais. Nesse sentido, o *quantum* de capital simbólico² presente em algumas profissões e reduzido em outras pode influenciar na hora de se decidir por uma profissão. Tendo em vista o investimento material e emocional que a educação escolar pode demandar até se obter o capital cultural institucionalizado (BOURDIEU, 1998).

E quando nos deparamos com a pergunta sobre “o que fazem os cientistas sociais?” podemos perceber que esses especialistas, que utilizam de métodos e teorias específicas, precisam disputar espaço com “outros” (especialistas ou pessoas leigas em geral) para inserir suas análises sobre a realidade social (BOURDIEU, 2002).

Contudo, essa legitimidade do conhecimento sociológico não garante que esse será consultado pela sociedade para compreender a realidade social, pois se compararmos o saber sociológico com o saber médico podemos verificar como o discurso médico influenciou e ainda influencia a sociedade Ocidental (FOUCAULT, 1996). Diferentemente do grau de influência, portanto dos efeitos

¹Vale a pena ressaltar que as representações destas profissões construídas pela sociedade quanto a sua própria categoria, também tem se modificado, particularmente no que diz respeito ao seu perfil liberal, o que repercute no nível de prestígio e *status* atribuído a esses profissionais. É importante ressaltar a questão da forte tendência a especialização destas profissões em detrimento da antiga autonomia profissional. Para mais informações ver: Bruschini e Lombardi (1999).

²Compreendendo este capital simbólico tanto em termos de propriedades materiais analisados objetivamente como propriedades construídas por meio de representações simbólicas vinculadas aos distintos sociais/culturais, considerando que todas as formas de capitais implicam em classificações a partir de um posicionamento do campo social analisado. Para mais informações ver: Bourdieu (2013).

que a sociologia pode gerar na sociedade, sendo sua finalidade provavelmente menor que a medicina.

Partindo desse ponto de vista, a formação em ciências sociais historicamente tem apresentado além de desprestígio, pouca legitimidade para o cientista social ter um “lugar” na sociedade, logo no mercado de trabalho (BRAGA, 2011).

Para Torini (2012) são poucos os concursos públicos e vagas de emprego que exigem como requisito apenas a graduação em ciências sociais, logo as oportunidades no mercado de trabalho na sua grande maioria ainda está³ na área de ensino, portanto ainda é a licenciatura em ciências sociais que mais oferece vagas de empregos para os cientistas sociais⁴.

Nesse sentido, são poucas as oportunidades de emprego para os bacharéis em ciências sociais serem contratados como cientistas sociais.

Conforme a análise de Torini (2012) sobre os anúncios de emprego na área de recursos humanos em São Paulo, o autor verificou que as empresas acolhem diversas outras formações juntamente com as ciências sociais, como: comunicação social, serviço social, psicologia entre outras.

Nesse sentido, as oportunidades de emprego para cientistas sociais tendem a serem disputadas com outras formações, logo vagas que exige a formação exclusiva em ciências sociais são inexpressivas.

Interessante verificar como as relações ocorrem no campo⁵, analisando as regiões do país que apresentam maior produção científica nas ciências sociais. Assim como, as regiões que apresentam o maior número de cientistas sociais dotados de capital científico institucionalizado e específico. São em algumas regiões que podemos constatar maiores oportunidade de inserção profissional para cientistas sociais, além da área de ensino.

³Contudo, vale a pena ressaltar a reforma do ensino médio aprovada pelo senado em 08/02/2017 por 43 votos a 13, com apoio posterior do presidente da República.

⁴Compartilho com a definição de Braga que analisa os cientistas sociais como “grupo ocupacional difuso, sem identidade única e coletiva no mercado de trabalho, mesmo depois da regulamentação com a lei nº6888 de 1980 e o decreto de 89.531 de 1984” (BRAGA, 2011, p.104).

⁵Campo no sentido bourdieiano, como *locus* de uma competição, no qual está em jogo, especificamente, o monopólio da autoridade científica, definida, de modo inseparável, como a capacidade técnica e o poder social, ou, de outra maneira, o monopólio da competência científica, no sentido da capacidade reconhecida socialmente de um agente falar e agir legitimamente em assuntos científicos (BOURDIEU, 1975).

Braga (2011) que realizou uma pesquisa no estado de São Paulo sobre egressos em ciências sociais em quatro instituições de ensino, salienta a dificuldade de se consolidar um mercado para o cientista social fora da área de ensino. Contudo, destaca ele que a região sudeste ainda apresenta maior visibilidade da sociologia e oportunidades de empregos para os cientistas sociais.

Vale a pena ressaltar que a sociologia enquanto disciplina escolar sofreu diversos avanços e recuos em relação a sua obrigatoriedade no currículo do ensino médio, sendo seu conteúdo ministrado, muitas vezes, por professores não habilitados em Ciências Sociais, fato que contribuiu para dificultar sua compreensão enquanto um conhecimento científico (SANTOS, 2002; MORAES, 2014).

Talvez esse seja um dos motivos dessa disciplina ser confundida, muitas vezes, por um tipo de conhecimento “meio terapêutico”; ou vinculado à militância política, representação que amortece sua compreensão como uma ciência que se propõe a analisar a realidade social por métodos e teorias específicas (LAHIRE, 2014).

Também se pode perceber que essas equivocadas interpretações contribuem para reforçar representações negativas dos cientistas sociais, que os vinculam à militância política, partidos de esquerda, marxismo, socialismo entre outras. Analisando que se sustentam diversas formas de ideologizações sobre as ciências sociais, não reconhecendo a sua base científica, essa que requer métodos e técnicas de pesquisa específicas para compreender os fenômenos sociais (MORAES, 2014).

Contudo, há diversos cursos de ciências sociais no país, houve em 2000 uma significativa expansão do ensino superior, o que contribuiu no surgimento de novos cursos de ciências sociais em instituições públicas e privadas, assim como cursos de ciências sociais oferecidos na modalidade à distância (TORINI, 2012).

Em relação ao perfil dos estudantes das ciências sociais, podemos verificar a partir de alguns estudos (TORINI, 2012; BRAGA, 2011; WERNECK VIANNA, 1995; NETO, 2011, SCHWARTZMAN, 1995 entre outros) a diversidade de perfis. Perfis, que correspondem tanto há um público que está fazendo a segunda graduação e não necessariamente busca uma profissão nas ciências

sociais, como estudantes que pretendem construir uma carreira nas ciências sociais.

No próximo item será descrito o contexto situado da pesquisa, logo o recorte que se elegeu sobre formação em ciências sociais para o presente texto.

O contexto situado da pesquisa

Em vista da realidade dos cursos de ciências sociais no Brasil, focando a análise para o contexto da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) comecei a verificar a partir da minha experiência como coordenadora do curso de licenciatura na época⁶, que nas formaturas o número de alunos que se formavam era muito inexpressivo ao número dos que deveriam se formar naqueles anos.

No entanto, além da evasão, essa que para o curso de ciências sociais da UFMT não era mais novidade⁷, o curso também contava com a presença de estudantes que permaneciam nove ou mais anos no curso.

Em relação a esse grupo de estudantes eu me questionava “será que esses alunos não têm consciência, que estão ocupando uma vaga em uma universidade pública?” Eu também sentia um pouco de frustração em relação ao despreparo deles para a vida acadêmica, eu percebia que não havia um *habitus*⁸ para sustentar essa escolha pelas ciências sociais por parte deles.

Inicialmente todo esse meu julgamento partiu das referências e lembranças que eu tinha do curso de ciências sociais que realizei há 15 anos em outra universidade. De tal modo eu insistia em comparar realidades

⁶ Fui coordenadora do curso de licenciatura em Ciências Sociais da UFMT do período de maio de 2013 a maio de 2015.

⁷ Segundo dados da coordenação do curso, 70% não estavam se formando no prazo.

⁸ Sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera a estrutura as práticas as representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que por isso seja o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim ou do domínio se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro (BOURDIEU, 1999, p.15).

completamente diferentes, em aspectos geracionais, regionais, econômicos, culturais e especialmente temporais.

Entretanto, isso não era tão simples e começou a me instigar, especialmente o estudante que quando abordado falava dos significados da formação em ciências sociais para a sua vida.

Como professora do curso de ciências sociais da UFMT, ouvia tanto de colegas professores como estudantes discussões sobre o tempo desses alunos no curso.

Por parte dos professores, ouvia certa frustração em relação aos estudantes. Na percepção de muitos professores, os estudantes eram “desinteressados” pelas ciências sociais. Igualmente, percebia que os professores comparavam as suas experiências de formação a fim de criticar os estudantes. Ouvia os seguintes comentários da parte deles: “na minha época a gente lutava por uma bolsa PIBIC”; “esses alunos não vão à biblioteca”, “mesmo que tenha eventos aqui na UFMT os estudantes não aparecem”, “esses estudantes não leem os textos”.

Já os estudantes constatei em suas falas mais preocupação com o tempo de permanência no curso, as dificuldades de operacionalizar o trabalho de conclusão de curso (TCC)⁹ a partir de um cronograma, logo concluir o curso. Para eles terminar o TCC os proporcionaria uma sensação de alívio, de algo bastante difícil que estava refletindo diretamente nas suas temporalidades.

Deste modo, comecei a refletir sobre o tempo do curso a partir das dificuldades que os estudantes apresentavam em fazer o TCC. Eu ficava me perguntando por que eles demoram tanto tempo? Por que esse sentimento de insegurança e tortura para escrever?

Como eu analisei a questão das temporalidades na fase do doutorado para compreender os principais motivos que levavam doutorandos (as) a não defender no prazo, portanto postergar a tese (BITENCOURT, 2011). Na UFMT, como professora no curso de ciências sociais constatei que o TCC também tinha um valor simbólico para aqueles estudantes, pois muitos vivenciavam diversas

⁹ A obrigatoriedade do TCC há em todas as grades curriculares dos cursos de ciências sociais oferecidos pela UFMT, ou seja, tanto na licenciatura como no bacharelado. Em algumas grades se denomina monografia, mas importante a nomeação todos terão que ser submetidos a uma banca composta por três professores (incluído o orientador nesses três) e ter um orientador.

dificuldades no momento da escrita do TCC. Dificuldades, essas vinculadas ao uso do tempo.

Constatei que alguns estudantes se matriculavam na disciplina TCC e não apresentavam o trabalho no final do semestre, portanto reprovavam sucessivamente nesta disciplina. Alguns estudantes ficavam de dois a cinco anos no curso se matriculando continuamente na disciplina TCC. Como não conseguiam apresentar o trabalho de conclusão de curso, a média era aproximadamente quatro semestres, ou seja, dois anos matriculados sem escrever absolutamente nada, segundo os professores orientadores entrevistados.

Nesse sentido, essa pesquisa tem como objetivo analisar o tempo de formação utilizado pelos estudantes de ciências sociais. Partimos do pressuposto que a utilização do tempo nas sociedades contemporâneas é bastante complexa, logo as experiências vivenciadas correspondem a temporalidades diversas. Nesse sentido, entendemos o tempo como uma referência pertinente para se analisar as relações sociais. De acordo com Elias o saber sobre o tempo diferenciou o ser humano de todos os outros seres vivos.

O fato de os homens deverem e poderem se orientar em seu mundo adquirindo um saber, e de, com isso, sua vida individual e coletiva depender totalmente da aprendizagem de símbolos sociais, é uma das particularidades que diferenciam o ser humano de todos os outros seres vivos (1998, p.20).

Analisando o tempo de formação, essa pesquisa elegeu o trabalho de conclusão de curso como uma etapa importante para a investigação, pois permite analisar os diferentes impactos da dimensão temporal sobre as atividades dos estudantes e também sobre o campo profissional das ciências sociais no contexto brasileiro.

Para isto, decidiu-se pela metodologia qualitativa por meio do trabalho de campo e 12 entrevistas semiestruturadas feitas em caráter de profundidade com ex. estudantes.

Inicialmente levantamos dados referentes ao número de formandos do período de 2009 a 2015, para verificar o número de alunos e alunas que estavam se formando no curso naqueles anos. Considerando que a entrada no curso de ciências sociais é anual, atualmente oferece 60 vagas, 30 para bacharelado e 30 para licenciatura.

É importante ressaltar que esta coleta de dados inicial teve como objetivo verificar o número de formandos por semestre e o número de anos utilizados pelos estudantes para se formar. No entanto, os números representados no quadro 1 não ilustram o problema que as atuais coordenações do curso atualmente precisam lidar, ponderando, que os cursos - Licenciatura em Ciências Sociais¹⁰ e Bacharelado em Ciências Sociais¹¹, esses foram implementados em 2010, e a antiga grade curricular do curso referente ao curso de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais¹² ainda há alunos que não se formaram, portanto extrapolaram o tempo de permanência no curso.

O problema em relação ao inexpressivo número de formandos no curso de ciências sociais, esse que não é um problema novo para os estudos sobre formação em ciências sociais, nesse trabalho é enfatizado as experiências que ex. estudantes de ciências sociais vivenciaram para se formarem.

Uma vez que o TCC tem representado um dos principais obstáculos que o aluno tem vivenciado para se formar em ciências sociais na UFMT. Vale a pena salientar que entre alguns cursos de ciências sociais¹³, nacionalmente reconhecidos o TCC não tem sido uma disciplina obrigatória.

Também é importante salientar que no segundo semestre de 2014 foi introduzido o plano individual de estudos¹⁴ para os estudantes que estavam com dificuldades de concluir o curso de ciências sociais na UFMT, ou seja, já estavam mais semestres do que o permitido.

Nesse plano individual de estudos, o estudante assina um documento dando ciência e se comprometendo a terminar as disciplinas faltantes para se formar no prazo estabelecido. Contudo, é importante salientar que na UFMT não

¹⁰A licenciatura em Ciências Sociais, cujo número do curso é 127 compreende como tempo mínimo nove semestres e tempo máximo 14 semestres.

¹¹ O bacharelado em Ciências Sociais cujo número do curso é 128 compreende como tempo mínimo oito semestres e tempo máximo 12 semestres.

¹²O curso de Ciências Sociais referente ao bacharelado e licenciatura cujo número do curso é 124 compreendia como tempo mínimo 10 semestres e tempo máximo 14 semestres.

¹³Entre esses cursos podemos citar o curso de ciências sociais da Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, o curso de Licenciatura em ciências sociais da UNESP entre outros.

¹⁴ Resolução nº 2014/ 68 da Pró-reitora de Graduação (PROEG) da UFMT.

há alunos que foram jubilados do curso de ciências sociais, portanto desligados por terem extrapolado o tempo de permanência no curso.

De acordo com os dados fornecidos e disponibilizados pela secretaria dos cursos de licenciatura em ciências sociais e bacharelado em ciências sociais, podemos verificar que o quadro 1 refere-se ao número de formandos por ano (período de 2009 a 2015) no curso de ciências sociais.

Quadro 1 – Ano de formatura e número de formandos em Ciências Sociais (período de 2009 a 2015) da UFMT.

Ano de formatura	Masculino	Feminino	Total de formandos
2009	06	04	10
2010	01	10	11
2011	05	07	12
2012	07	08	15
2013	06	08	14
2014	06	10	16
2015	03	12	15
Total	34	59	93

Fonte: Dados disponibilizados pela secretaria dos cursos de Licenciatura em Ciências Sociais e Bacharelado em Ciências Sociais.

Em relação ao quadro 1 podemos constatar que do período de 2009 a 2015 formaram-se 93 estudantes, sendo 34 alunos e 59 alunas. É importante salientar que esse número é referente às três grades curriculares atualmente presentes nas ciências sociais da UFMT.

Analisando que anteriormente entravam turmas de 25 alunos para licenciatura e 25 para bacharelado o maior número de formandos foi no ano de 2014, 16 formandos, e o menor número de formandos foi no ano de 2009, 10 estudantes.

O quadro 2 relaciona o sexo do formando com o tempo utilizado para a formação no curso de ciências sociais.

Quadro 2 – Sexo do formando X tempo permanência no curso de Ciências Sociais (período de 2009 a 2015) na UFMT.

Tempo de Formatura	Masculino	Feminino	Total
Menos de 4 anos	01	03	04
4 anos (curso 128)	02	03	05
4 anos e meio	05	02	07
5 anos	03	05	08
5 anos e meio	01	04	05
6 anos	04	10	14
6 anos e meio	10	05	15
7 anos	05	14	19
7 anos e meio	01	05	06
8 anos	01	02	03
8 anos e meio	---	02	02
9 anos ou mais	01	04	05
Total	34	59	93

Fonte: Dados disponibilizados pela secretaria dos cursos de Licenciatura em Ciências Sociais e Bacharelado em Ciências Sociais.

Em relação ao quadro 2 podemos verificar que dos 93 estudantes formados entre o período de 2009 a 2015 no curso de ciências sociais da UFMT, apenas 16 estudantes formaram-se no prazo mínimo.

Também é importante considerar que entre esses 16 estudantes, um formou-se em uma situação especial, conseguiu terminar o curso em menos tempo e três estudantes conseguiram revalidar disciplinas de outros cursos de graduação já cursados anteriormente. Por isso, conseguiram terminar em menos tempo, portanto trata-se de uma situação especial.

Em relação aos estudantes que terminaram no prazo de quatro anos e quatro anos e meio, apenas 12 estudantes conseguiram terminar no prazo mínimo. É importante salientar que entre esses 12 estudantes apenas três estudantes pertenciam às novas grades curriculares (127 e 128), desses um de Licenciatura em ciências sociais e dois de bacharelado em ciências sociais.

Desse modo, podemos perceber que nesses anos analisados 2009 a 2015 tratam-se de formandos da antiga grade curricular do curso de ciências sociais (bacharelado e licenciatura). Desse modo, mesmo que os cursos de licenciatura em ciências sociais e bacharelado em ciências sociais estejam em vigência desde 2010, um número inexpressivo de alunos e alunas se formaram no prazo mínimo, ou seja, oito semestres bacharelado e nove semestres licenciatura em ciências sociais.

Avaliando os números no quadro 2, pode-se constatar que o tempo usado para se formar tem sido de seis a sete anos, considerando que esses estudantes entraram no curso em 2007 e 2008.

Segundo o depoimento da secretária da coordenação, observando os estudantes do curso que chegam a sua sala,

Os estudantes entram muitas vezes no curso sem uma clareza do que é ciências sociais, muitos comentam que estão cursando a segunda graduação para agregar conhecimento ou porque foi o curso que conseguiram passar, mas ainda há aqueles que confundem com serviço social e muitos estudantes não gostam de ler, o que é um problema para um curso cuja a base é a leitura.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas do período de fevereiro a maio de 2017 e duraram de 45min a 1h20min com egressos que defenderam no prazo e egressos que ficaram nove anos ou mais no curso. Essa amostra foi feita no sentido de compreender como os estudantes lidavam com a feitura do TCC e por que este tinha se tornado tão difícil para muitos e um significativo obstáculo para a formação em ciências sociais.

O quadro 3 trata-se dos alunos egressos entrevistados.

Quadro 3 - estudantes entrevistados

NOME	ANO DE INGRESSO	FINALIZAÇÃO DO CURSO	GRADE DO CURSO	Motivo do tempo	Ocupação atual
Antônio ¹⁵	2007	2016	124*	Militância, filhos e problemas de saúde.	Professor na educação básica da rede particular
Adorno	2008	2016	124	Militância	Professor ensino médio
Luiza	2012	2015	127***	PIBID	Mestranda em sociologia
Santos	2004	2008	124	Trabalho	Professor de ensino médio e Mestrando em Cultura Contemporânea
Judith	2006	2011	124	PIBIC/PIBID	Servidora pública em outra área e mestranda em Sociologia
Patrícia	2010	2013	128**	PIBIC	Fez mestrado em antropologia e trabalha em uma empresa como consultora de projetos
Ruth	2009	2016	124	Maternidade	Trabalha no setor alimentício – trabalho informal
Pedro	2009	2013	128	PIBIC	Faz mestrado em Antropologia

¹⁵ Todos os nomes utilizados nesta pesquisa são fictícios a fim de preservar a identidade dos estudantes e professores entrevistados.

Padilha	2004	2010	124	Trabalho	Professora de ensino médio
Jaqueline	2009	2016	124	Trabalho e problemas de saúde	Trabalha no setor administrativo em empresa no setor privado
Amélia	2007	2015	124	Família e trabalho	Trabalha com alimentos informalmente
Bianca	2007	2014	124	Maternidade	Professora da rede pública de ensino

Fonte: entrevistas semi-estruturadas com egressos do curso de Ciências Sociais da UFMT

*Ciências Sociais - bacharelado e licenciatura (124) ;**Bacharelado em Ciências Sociais (128); ***Licenciatura em Ciências Sociais (127).

Conforme o quadro 3 sobre os 12 egressos entrevistados, podemos verificar que a grande maioria pertence a grade curricular 124, referente ao curso de bacharelado e licenciatura em ciências sociais. Em relação à ocupação podemos constatar que cinco deles são professores de sociologia no ensino médio, desses quatro em escolas públicas e um professor em escola particular; dois trabalham informalmente com alimentos; um é servidor público; um trabalha no setor privado e um atua como consultor de projetos na área de antropologia, pois já concluiu o mestrado.

Sobre a inserção na pós-graduação podemos verificar dos quatro egressos que estão fazendo mestrado, um já concluiu o mestrado, sendo que dos quatro que fazem mestrado dois atuam como professores de sociologia no ensino médio e dois são bolsistas.

Sobre o tempo de permanência no curso, seis egressos que terminaram no prazo salientaram que o PIBIC e o PIBID foram decisivos para a formação e para a inserção na pós-graduação, já os que não terminaram no prazo apresentaram em suas falas os seguintes motivos para a postergação da formatura; problemas em conciliar trabalho e curso, maternidade, militância política, filhos e problemas de saúde.

Nos próximos itens apresentaremos os resultados das entrevistas semiestruturadas realizadas com egressos do curso de ciências sociais da UFMT.

Para fins metodológicos a partir dos resultados das entrevistas dividi os informantes nos seguintes grupos de egressos de ciências sociais da UFMT: 1) “eu quero um diploma, sim pode ser em ciências sociais”; 2) Eu sempre quis ser um “cientista social” e 3) Eu sempre fui meio “cientista social”. Essa divisão foi

feita considerando as enunciações desses para falar das ciências sociais e do tempo utilizado para concluir o curso.

1. *Eu quero um diploma, sim pode ser em ciências sociais*

De acordo com os resultados das entrevistas semiestruturadas realizadas com egressos em ciências sociais, foi possível verificar diversos motivos para esses seguirem os prazos estabelecidos pelo regimento do curso e o interesse pelas ciências sociais. Um desses motivos esteve relacionado com a necessidade de ter um diploma de curso superior. Considerando, que as ciências sociais é um curso pouco concorrido e noturno, portanto adequável à realidade do aluno trabalhador.

Eu pensava em terminar ciências sociais, mas não para ser cientista social, mas para ter um diploma, eu precisava de um diploma de ensino superior, eu queria entrar no funcionalismo público, eu nunca imaginei atuando na área de ciências sociais, eu queria mais era o diploma para fazer concurso público, eu não sabia que ia trabalhar na área. Eu estudei para ser aprovado, eu estudei de acordo com o meu tempo, com as minhas limitações para terminar esse curso na época (Santos, turma de Ciências Sociais de 2004).

Eu queria terminar o curso, por que eu precisava de um curso superior, eu pensava muito na família, nos meus filhos, me inserir no mercado e também eu não tinha mais idade para ficar em um curso de graduação muito concorrido (Ruth, turma de Ciências Sociais de 2006).

Importante salientar que esses ex.estudantes tinham mais idade na época, por isso pensavam em terminar logo a graduação. Segundo eles, “o tempo deles já havia passado”. A fala dessa egressa ilustra um pouco dessa reflexão sobre idade cronológica e a forma de lidar com o uso do tempo.

É questão de aprendizagem, eu também fiquei muito tempo afastada do ensino e isso atrapalhou e eu já estava fora da idade escolar eu já tinha 32 quando entrei no curso. Esse prazo de fazer um curso superior em uma idade ideal, que eu também não sei qual é, acho que atrapalha bastante ser mais velha no curso. (Amélia, turma de Ciências Sociais de 2007).

Analisando as falas dos egressos trabalhadores, muitos deles se comparavam aos colegas mais novos e comentavam que sentiam mais dificuldades em aprender os conteúdos programáticos estudados nas disciplinas do curso. Assim, podemos constatar que os fatores renda e família podem

influenciar os estudantes na forma de lidar com o uso do tempo. Conforme destacou um dos egressos entrevistados,

Essa galera mais nova, que não precisa trabalhar, consegue sobreviver de bolsa, eu tive seis meses de bolsa, mas foi um complemento para minha renda, mas eu faltava muito, porque tinha que ficar com a minha filha (Antônio, turma de 2007).

Em relação às dificuldades além do trabalho e da idade, os ex. estudantes também enfatizavam a “densidade” dos textos que precisavam ler para ir às aulas. Alguns comentaram durante as entrevistas que vivenciaram muitas dificuldades, devido ao pouco tempo para realizar as leituras.

A maioria dos alunos que estava fazendo ciências sociais na época trabalhava durante o dia, então a carga era dobrada, então você trabalha durante o dia, daí você vem para a faculdade, você não tem tempo para ler, você não tem tempo para discutir, muitas vezes, você nem lê, daí você chega aqui não tem como fazer uma discussão produtiva, daí, muitas vezes, você faz a discussão na sala. Mas, enfim você vai analisar, as pessoas que estão naquele curso, primeiro é um curso noturno, você vai trabalhar você não pode ficar sem trabalhar, agora provavelmente a qualidade de absorção do conteúdo tenha sido outra, se eu não trabalhasse. O ato de trabalhar durante o dia e estudar a noite são complicadores (Santos, turma de Ciências Sociais de 2004).

Entretanto, esses egressos buscaram táticas para realizar o curso. Para alguns dos egressos trabalhadores entrevistados uma das táticas utilizadas era estudar durante os horários de intervalo do trabalho (almoço e lanche da tarde) e nos finais de semana, especialmente na época de feitura do TCC.

Conforme um egresso de ciências sociais da turma de 2004, lembrando-se da época que cursou ciências sociais na UFMT, afirma que vivenciou dificuldades para pesquisar. Segundo ele, em sua época não havia acesso a *internet* para pesquisar conteúdos, também comenta que vivenciava o curso de forma solitária, pois não tinha a vivência acadêmica, ou seja, não conseguia utilizar a estrutura¹⁶ oferecida pela universidade durante o dia. De acordo com a sua fala,

No início o que sobrava de tempo para a gente eram os finais de semana, durante a semana não dava, durante alguns horários do trabalho eu conseguia ler, eu trabalhava em indústria de bebidas, essa

¹⁶Estou compreendendo esta participação a partir do uso da estrutura da UFMT como: bibliotecas, núcleo de pesquisas, laboratórios, participação em eventos oferecidos pela universidade durante o dia entre outros.

questão de indústria de bebidas exige demais e daí muitas vezes você não tem tempo, o horário de almoço era reduzido. Sempre aquela leitura feita no intervalo do trabalho era acelerada, você lia para ter um pequeno conhecimento do que ia ser falado em sala de aula à noite. Mas acontecia com quase todos que trabalhavam, aqueles que não trabalhavam a gente percebia que eles tinham uma produção melhor. Eles conseguiam se dar melhor nas explicações, nas aulas e as reuniões aqui na UFMT com os colegas eram raras, vou falar a verdade o estudo era solitário, era eu no fim de semana com as minhas apostilas, até por que a gente não tinha essa questão das tecnologias que a gente tem hoje de discutir vários temas *via* redes sociais. Não tinha isso naquela época (Santos, turma de Ciências Sociais de 2004).

Aqui constatamos a dificuldade de estudantes trabalhadores vivenciarem experiências que os garantiriam a inserção na vida acadêmica, considerando que iam à universidade geralmente para as aulas, portanto as suas experiências acadêmicas “deixavam a desejar” nas suas percepções.

2. *Eu sempre quis ser um cientista social*

Entre os egressos que terminaram o TCC no prazo, podemos verificar que a grande maioria já tinha uma ideia mínima do que eram as ciências sociais, pois pesquisaram sobre as ciências sociais antes de ingressar no curso. Esses também apresentaram em suas enunciações que receberam apoio financeiro e familiar para estudar, portanto ingressar na vida acadêmica. No entanto, o apoio familiar também exigia um retorno por parte deles, conforme afirmou uma entrevistada,

Eu tenho pavor de fracassos, isso vem de quando eu era criança, minha mãe era professora, assim eu já entrei na escola sabendo ler e escrever e lá em casa tinha uma regra não podia reprovar, eu sempre gostei de estudar, meus pais não brigavam comigo, mas a gente tinha que dá uma resposta, e a resposta seria não reprovar, eu levei isso para a minha vida (Judith, turma de Ciências Sociais 2006).

Durante as entrevistas com esse grupo, todos entrevistados comentavam que durante a infância já conviviam com uma dita “cultura da leitura”, sendo essa presente e estimulada por meio de suas famílias. Segundo eles, esse hábito por leitura fazia parte de seus cotidianos antes mesmo de ingressarem no curso. Entretanto, a leitura nas ciências sociais apresentou-se como outro tipo de leitura

e não como algo de difícil compreensão como havia se apresentado para alguns dos egressos trabalhadores.

Eu sempre gostei de ler, quando a minha mãe não comprava livros, eu aprendi a baixar livros, daí eu lia livros *online* nas ciências sociais. Nosso corpo nas ciências sociais é condicionado a ficar sentado para ler e isso é maravilhoso (Pedro, turma de Ciências Sociais 2009).

As leituras das ciências sociais são bem diferentes da literatura, por exemplo, o texto sociológico eu aprendi a tirar a tese de um livro, método e objeto, coisa que na literatura é mais descritivo, é história, A literatura é mais fácil, mais gostosa de ler, não estou falando de *Dostoiévski* também (risos) (Judith, turma 2006).

Entre os ex-estudantes que foram bolsistas do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) e do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), podemos constatar a partir de suas enunciações, que a inserção deles nesses programas contribuiu significativamente para construírem a representação do cientista social vinculado à atividade de pesquisa e também ensino.

No primeiro semestre de graduação eu já era PIBIC. O PIBIC trouxe tudo para mim, eu pensei em ser cientista social por causa do PIBIC, por que esse era o meu trabalho, o PIBIC me permitiu ver como eu lidava com a realidade social. O PIBIC me fez pensar metodologicamente, pensar em problemáticas de pesquisa e pensar sobre as teorias clássicas e contemporâneas e isso me fascinou (Pedro, turma de ciências sociais, 2009).

O PIBID me ajudou muito, foi no PIBID que eu comecei a escrever a participar mais de eventos, ter incentivo e a vivenciar na escola acompanhando professor e o PIBID me tirou o medo, pois eu tinha medo, insegurança de enfrentar a sala de aula. A formação sem o PIBID fica bem precária, as leituras, a história da sociologia, os momentos que a disciplina passou as dificuldades, essa história da institucionalização, agora está ai essa coisa de novo (Luiza, turma de ciências sociais, 2012).

Entre esses alunos que foram bolsistas PIBIC e PIBID e terminaram no prazo o curso, podemos verificar a partir de suas falas como esses programas podem ser positivos para a formação em ciências sociais.

Uma constatação que vai ao encontro com a pesquisa de Werneck Vianna *et al* (1995) sobre o perfil dos alunos em ciências sociais em 12 universidades brasileiras. Nessa pesquisa os autores constataram que a adesão mais ativa dos estudantes e o próprio campo profissional das ciências sociais vão depender de diversos fatores um deles são as políticas públicas de fomento à pesquisa.

Em 2015 a partir de uma pesquisa com os bolsistas PIBID – Sociologia da UFMT, também constatamos como a inserção no PIBID foi uma oportunidade

positiva para os estudantes se inserirem na vida acadêmica, ou seja, incorporarem o *habitus academicus* (BITENCOURT; RODRIGUES, 2015).

3. *Eu sempre fui meio cientista social*

O grupo dos egressos trabalhadores que falaram das dificuldades com o curso de ciências sociais e dos egressos que foram bolsistas PIBIC e PIBID que queriam ser cientistas sociais; também verificamos nas entrevistas outro grupo de estudantes, os envolvidos com a militância.

Segundo esses ex.estudantes, a escolha pelas ciências sociais se deu devido à militância estudantil, essa que tomava grande parte do tempo. Assim, a militância foi para esses o principal motivo para faltar às aulas, não entregar trabalhos no prazo, logo permanecerem mais anos no curso.

Refletindo sobre esta situação dos estudantes, que permaneciam muito tempo no curso, uma egressa que foi bolsista PIBID na época da graduação destaca que esse tempo de permanência teria dois motivos. Segundo ela, um dos motivos estava ligado à necessidade do estudante trabalhar durante o dia e a instituição não oferecer condições favoráveis para a sua formação, e o outro motivo era a militância estudantil, essa que tomava muito tempo dos estudantes, fazendo esses perderem “o foco” da formação. Segundo a estudante,

Há dois motivos para as pessoas ficarem no curso, um deles é por que realmente não tem tempo por que precisa manter família, é um curso noturno e é um curso de quem trabalhar, e quando chega à UFMT, não tem computador, infraestrutura é muito pobre, há medo de perder o *notebook*, a biblioteca não funciona, nem a central, nem a setorial. Outro motivo é a falta de interesse, entra no curso e não sabe, tem muita gente militante, a militância é um fator, eu tenho colegas que entraram comigo super inteligentes, verifiquei que eles deixam de assistir aulas para militar e acabam perdendo o semestre, por causa da militância é uma formação difícil mais precisa de interesse e tempo (Luiza, turma de ciências sociais 2012).

Constatamos que alguns desses ex. estudantes permaneciam no curso durante um longo período (de oito a 10 anos). Esses ex.estudantes nas entrevistas comentavam que estavam envolvidos com a militância desde o ensino médio. Refletindo sobre o tempo que ficou no curso, um dos egressos destacou que:

Eu já conhecia o espaço da universidade, antes de entrar no curso, eu desde o ensino médio eu vivenciava a UFMT, por meio de participação em projetos de extensão, festinhas, movimentos sociais secundaristas. Assim, de 2008 a 2016 não teve nenhum movimento em defesa da educação que tocou a realidade da universidade que eu não participei, eu participei de todos de ocupação, de atos, de panfletagem, nas organizações e todos os processos e debates (Rômulo, turma de ciências sociais 2008).

Para eles as ciências sociais sempre estiveram em suas vidas, não se comparavam com os alunos que seguiram uma direção “mais acadêmica” no curso, nesse caso os bolsistas PIBIC ou PIBID, esses que se envolviam com pesquisas, eventos científicos, publicavam e atualmente estavam em cursos de pós-graduação.

A fala desse entrevistado é emblemática para constataremos como as temporalidades são diversas no espaço da universidade, o período de 10 anos que para um egresso se apresentava com inconcebível, para esse grupo adquiriu outra compreensão na experiência vivenciada,

Esses dez anos, eu acho que esses dez anos de curso foram essenciais, eu demorei, mas isso não me incomoda, eu tinha inicialmente uma visão apaixonada pelas ciências sociais, daí eu sofri um processo de racionalização e depois eu tive um processo de amadurecimento, eu entrei por causa de questões sociais, mas eu via que não tinha diferença do que eu já estudava em casa, eu era autodidata, eu não me arrependi do tempo que gastei, eu fazia mais 10 anos de ciências sociais se fosse o caso (Antônio, turma de ciências sociais 2008).

Contudo, ao se formar e terminar o TCC o entrevistado modificou o seu discurso, podemos verificar outra reflexão sobre o tempo nessa sua fala.

Eu pensava assim eu quero terminar, isso aqui, eu preciso dormir, eu não quero mais fazer leituras, preciso de um mês sem ler, há dois meses eu penso em arrumar as correções do TCC para entregar, mas eu não consegui esse tempo ainda (Antônio, turma de ciências sociais 2008).

A temporalidade desses ex. estudantes era outra, a militância envolvia seus ideais, a sua forma de vivenciar a realidade. Contudo, apesar de serem seguros e menos “estressados” que os trabalhadores diurnos, não apresentavam bom desempenho escolar, como os egressos que queriam ser cientistas sociais. Esses se dedicavam integralmente ao curso de graduação, pois apresentaram em suas falas a necessidade de planejar o tempo desde o início da graduação.

Ainda sobre os egressos vinculados à militância, verificamos entre alguns deles que devido à dificuldade de conciliar trabalho, militância e graduação pediam demissão de seus empregos. Alguns deles tiveram bolsas PIBID, mas a militância, muitas vezes, era justificativa para faltar às reuniões do PIBID. Um deles disse que a bolsa PIBID era um complemento para a sua renda. Nesse sentido, é importante verificarmos os diferentes significados que o PIBID pode ter para os estudantes de ciências sociais da UFMT.

Neto (2011) em sua pesquisa sobre o curso de ciências sociais da PUC-Minas) destaca que a bolsa PIBIC, por exemplo, aparece como algo positivo para os alunos pobres continuarem o curso de ciências sociais, pois a bolsa contribuía para esses alunos se inserirem em atividades de pesquisa. Considerando que o curso de ciências sociais na UFMT é noturno e o caso da Puc-Minas é de uma faculdade particular com curso diurno.

É importante destacar que os entrevistados comentaram que não iam à biblioteca e aos eventos científicos oferecidos pela universidade, logo pouco vivenciavam a vida acadêmica. Uma professora do curso entrevistada quando abordada sobre os estudantes de ciências sociais comenta que: “é muito raro ver alunos com livros da biblioteca, os alunos das ciências sociais da UFMT não têm inserção na vida acadêmica, eu vejo isso”.

Outro professor destaca que não tem como exigir muito dos estudantes, que trabalham e não dão prioridade à carreira.

4. O trabalho de conclusão de curso (TCC)

A seguir apresentamos o modo de lidar com o tempo no curso, apresentando pontualmente como esses grupos vivenciaram a feitura do TCC, quais as dificuldades vivenciadas durante a realização da pesquisa de TCC, como o uso do tempo foi sentido para cada grupo.

O TCC dos trabalhadores

Entre os ex.estudantes que eram trabalhadores durante a graduação, verificamos além do pouco tempo para escrita, um significativo sentimento de insegurança e preocupação com o julgamento dos outros, especialmente com o

juízo dos orientadores, pois muitos deles falaram que tinham “medo” e reclamavam da relação que tinham com os orientadores durante a escrita do TCC. Segundo alguns entrevistados, a relação com o orientador era muito distante e superficial. Essa fala de um egresso ilustra um pouco essa relação,

Eu fiz o meu TCC durante seis meses, eu fazia durante a semana, como eu não tinha computador na época eu ia para as *lan houses* pagar o tempo de uso, eu não sei como eu conseguia me concentrar naquele barulho todo, comecei a escrever, acho que eu me concentrava, ia também para as bibliotecas, ia muito para o Sesc Arsenal. Durante a construção eu tive muita preocupação, será que eu vou conseguir, será que eu tenho competência para escrever uma monografia, será que eu vou conseguir provar esse objeto de pesquisa, você não sabe se você vai conseguir, daí você fica preocupado com o juízo dos outros, da banca e do orientador, tu não sabes o que o orientador pensa. Eu não sabia por que tinha medo de estar atrapalhando o orientador, não sabia o que ele pensava. Eu não sou aquilo que ele esperava, vem surgindo muitas dúvidas (Santos, turma de ciências sociais 2004).

O TCC para quem sempre quis ser um “cientista social”

Sobre o grupo dos egressos que foram bolsistas PIBIC e PIBID e que tiveram ingresso em cursos de pós-graduação, verificamos também problemas relacionados à dificuldade de escrever, a conhecida “síndrome da folha em branco”(BIANCHETTI;MACHADO, 2006). Além da pressão familiar, estresse, ansiedade, desequilíbrios fisiológicos, que em alguns casos se desencadearam em diagnósticos depressivos. Essa fala ilustra um pouco dos resultados coletados nas entrevistas,

Eu tive muitas dificuldades, eu não me identifico com o que eu escrevo, eu sou bem crítico com os meus textos, escrever é bem difícil, eu acho que eu tenho uma cobrança pesada e tem uma relação com a minha mãe, que sempre exigiu muito de mim, eu me sinto nu quando eu escrevo, as pessoas enxergam meus defeitos no meu texto, eu levei três semestres, eu tive muita dificuldade, eu engordei 15 quilos durante o TCC de estresse, eu tinha ansiedade eu acordava entre as sete e oito horas da manhã, eu combinava que toda manhã eu ia escrever, e tinha dia que eu sentava na frente do computador e eu não escrevia nada, eu ficava ansioso e ia para cozinha e eu comia, comia muito e voltava e não escrevia nada (Pedro, turma de ciências sociais 2009).

O TCC para quem sempre foi meio “cientista social”

O meu TCC eu fiz em dois meses, o meu maior problema era sentar e desenvolver o TCC, eu sou hiperativo – a pressão veio, eu era o último da minha turma ou eu escrevia ou era julgado, eu tive insegurança

para entregar o TCC, eu tive umas crises de desistência, eu sentia um desinteresse, um desencantamento, eu pensava para quem serviria isso ali, eu pensei muito em escrever além dos muros da universidade. Mas, eu me considero um cientista social, até por que as lacunas até no doutorado as pessoas têm na formação, isso ocorre devido a complexidade da realidade da sociedade, é normal, sem dramas. (Antônio, turma de ciências sociais 2009).

Em relação à feitura do TCC esse foi vivenciado pelos egressos de forma diferenciada nesta pesquisa, podemos perceber a partir de suas falas, o modo de lidar com o tempo refletia diferentes realidades, um que contava o tempo relacionando com a idade para o mercado de trabalho, o caso dos alunos trabalhadores. Outro grupo sentia dificuldades de escrever, mas assumia o TCC como uma grande pesquisa tão complexa que apresentavam dificuldades de operacionalizar o que aprenderam durante seus tempos de bolsistas e o último grupo de estudantes vinculados à militância podemos constatar um tratamento ao TCC diferenciado como mais um trabalho, que tinha lacunas, pois em suas compreensões toda formação tinha lacunas.

Considerações finais

Este trabalho traz uma discussão que envolve a formação em ciências sociais a partir das experiências de três grupos de egressos. Experiências, essas que abrangem as diversas temporalidades presentes nos cursos de ciências sociais da UFMT. Contudo, a formação em ciências sociais ainda é compreendida como uma formação profissional destinada ao campo acadêmico, mesmo que esse campo não contemple a todos formados. Em maio de 2017, a comissão constituída por professores responsáveis pela reforma do curso de licenciatura em Ciências Sociais votou pela retirada da obrigatoriedade da disciplina TCC para o curso de Licenciatura. Algumas justificativas foram dadas na reunião como: o tempo de permanência no curso; a busca de uma identidade para a licenciatura, conforme resolução n.2 de 01/06/2015 e a “pouca” qualidade dos TCC apresentados. Ponderando que os motivos apresentados para a retirada do TCC buscam adequar à grade curricular a realidade dos estudantes. Nesse sentido, é relevante a construção de diálogos que promovam reflexões sobre as diversas temporalidades presentes nos cursos de ciências sociais, a fim de conhecermos e reconhecermos as distintas trajetórias vinculadas à

formação dos cientistas sociais, considerando os contextos sociais situados que moldam a formação na contemporaneidade.

Referências Bibliográficas

“A SOCIEDADE AINDA NÃO DESCOBRIU OS CIENTISTAS SOCIAIS”, diz Werneck Vianna no Encontro às Quintas (2013). Disponível: <<http://www.coc.fiocruz.br/index.php/todas-as-noticias/512-a-sociedade-ainda-nao-descobriu-os-cientistas-sociais-diz-werneck-vianna-no-encontro-as-quintas>>. Acesso 22/05/2017.

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escritas de teses e dissertações. 2 ed. – Florianópolis: Ed da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006.

BITENCOURT, Silvana Maria; RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. “Eu quero ser professor de Sociologia”: as influências da Sociologia no ensino médio em Cuiabá (MT). Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 51, N. 3, p. 301-308, setembro/dezembro, 2015.

_____. Candidatas à ciência: a compreensão da maternidade na fase do doutorado. 2011. 340f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

BOURDIEU, Pierre. The specificity of the scientific field an social conditions of the progress of reason. Social Science Information, London, v.14, n.6, p.19-47, 1975.

_____. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.p.16-58.

_____. *Escritos de Educação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998. p.39-79 e 85-92.

_____. A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicos. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. A causa da ciência. Como a história social das ciências sociais pode servir ao progresso das ciências. Revista de Sociologia Política. V.1. n.1. 2002.p. 143-161.

_____. Capital Simbólico e classes sociais. Novos Estudos. nº96, julho/2013.p.105-115.

BRAGA, Eugênio Carlos Ferreira. Novos elementos para uma sociologia dos cientistas sociais. A situação ocupacional dos egressos. RBCS Vol. 26 nº 76 junho/2011. p.103-222.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Médicas, Arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras profissionais de prestígio. Revista Estudos Feministas. V.7 n°1 e 2/1999.p.09-24.

ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio Janeiro, Graal, 1996. p-145-191.

LAHIRE, Bernard. Viver e Interpretar o mundo social. Para que serve o ensino de Sociologia? In: Revista de Ciências Sociais. Sociologia no ensino médio. Fortaleza, 45 (1), 2014. p.45-60.

MORAES, Amaury Cesar de. Ciência e Ideologia na Prática dos Professores de Sociologia no Ensino Médio: da neutralidade impossível ao engajamento indesejável, ou seria o inverso? Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 17-38, jan./mar. 2014.

NETO, Manoel de Almeida. A realização de pesquisa, estágio e extensão na graduação e a inserção profissional do cientista social. SBS. XV Congresso Brasileiro de Sociologia – 26 a 29 de Julho, Curitiba PR, 2011.

WERNECK VIANNA, Luiz. O perfil do estudante de Ciências Sociais. In PESSANHA, Elina & VILLA BOAS, Gláucia (orgs.). Ciências Sociais: Ensino e Pesquisa na Graduação. Rio de Janeiro, J.C. Editora, 1995. p. 21-54.

SANTOS, Mario Bispo. 2002. A Sociologia no Ensino Médio: o que pensam os professores da rede pública do Distrito Federal. Brasília, DF. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 191 p

SCHWARTZMAN, Simon. Os Estudantes de Ciências Sociais. In: PESSANHA, E. e VILLAS BÔAS, G. (orgs.), Ensino e Pesquisa na Graduação: Ciências Sociais. Rio de Janeiro, J.C. Editora, 1995. p.55-82.

TORINI, Danilo Martins. Formação e Identidade profissional. A trajetória de egressos de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.